

O repórter como "ausência" presente: narrativas singulares*

Histórias de pessoas singulares merecem uma forma igualmente única de apresentar essas narrativas. Reportagens sobre sujeitos que se entendem e se exercitam como "experiência de si" – de sujeitos infames, únicos e admiráveis – demandam um cuidado diferente. No rádio, a unisensorialidade potencializa essas vozes. Esse artigo utiliza a experiência do projeto experimental de reportagens "Jornalismo Cidadão", veiculado desde julho de 2002 na Rádio Universidade FM (emissora educativa da Universidade Estadual de Londrina - PR) – apresentado em 2003 na Intercom –, para trazer um pouco da admiração de alguns ouvintes que se depararam com a experiência de escutar as reportagens do projeto, conduzidos geralmente por um único narrador: o próprio entrevistado.

Palavras-chave: Radiojornalismo ; Subjetividade ; Singularidade; Recepção

Patricia Zanin Heitzmann**

Universidade Norte do Paraná (Unopar)

Flávia Lúcia Bazan Bepalhok

Universidade Estadual de Londrina

Fábio Augusto Mansano

Guilherme Borges

* Trabalho apresentado à Sessão de Temas Livres.

** Patricia Zanin Heitzmann é professora de Radiojornalismo da Universidade Norte do Paraná (Unopar); jornalista da Rádio Universidade FM (emissora educativa da Universidade Estadual de Londrina) e especialista em Bioética e Comunicação Popular e Comunitária (patricia_zanin@uol.com.br)

Flávia Lúcia Bazan Bepalhok é professora de Radiojornalismo e Telejornalismo da Universidade Estadual de Londrina; mestranda em Comunicação na Unesp de Bauru (SP) e especialista em Fotografia pela Universidade Estadual de Londrina. (flabespa@onda.com.br)

Fábio Augusto Mansano é jornalista formado pela Universidade Estadual de Londrina. (fado@sercomtel.com.br)

Guilherme Borges é jornalista formado pela Universidade Estadual de Londrina. (guilhermborges@yahoo.com.br)

"Só resta agora a saudade. E a saudade é uma voz que vem de toda parte", lamentou a dona-de-casa Marilsa de Oliveira Valentin, moradora de um assentamento na zona norte de Londrina (PR). Quando a dor da saudade apertou, dona Marilsa resolveu expressá-la em cartas – longas cartas para a filha Valdinéia, que viveu meses longe da mãe. As correspondências de Marilsa à filha nunca foram entregues. A mãe só mostrou as cartas a Valdinéia quando esta voltou para casa, depois de uma separação.

Mais de seis anos depois, as cartas de Marilsa, escritas e copiadas num velho caderno, também foram compartilhadas com o psicólogo Clóvis Eduardo Zanetti. A dona-de-casa desejou que sua história fosse contada a mais gente. E quis que Zanetti chamasse a imprensa. Numa manhã de setembro de 2002, dona Marilsa narrou a dor da separação a jornalistas de rádio e jornal. Folheou o caderno, agora ilustrado por Valdinéia; leu trechos das cartas; contou um pouco de sua trajetória; da dificuldade de criar a filha e as netas sozinha; emocionou-se com a própria narrativa.

Mas tratar essa história com a dignidade que Marilsa merece? Como garantir que a voz de Marilsa pudesse ser escutada e ecoasse de forma singular no rádio?

Essas são algumas das indagações que inquietam a equipe do projeto "Jornalismo Cidadão", projeto experimental de reportagens, veiculado desde julho de 2002 na Rádio Universidade FM (emissora educativa da Universidade Estadual de Londrina - PR). Os fundamentos do projeto foram apresentados em 2003 na sessão "Temas Livres" da Intercom. Muitas indagações continuam, mas os integrantes do projeto estão convencidos de que narrativas singulares merecem uma forma igualmente única de veicular essas histórias.

São vidas que se apresentam não só por meio da palavra falada, mas também pela variedade dos silêncios, das pausas, das dúvidas, da música e da poesia presentes em suas narrativas. São vidas únicas, de sujeitos singulares.

Existe na contemporaneidade um intenso debate sobre a categoria e os limites do sujeito. Há, nesse campo, mais dúvidas do que certezas. Mesmo correndo o risco de tratar a questão de forma reducionista, avaliamos que o sujeito se constitui em um espaço tenso e ao mesmo tempo fluído. Um território no qual o sujeito experimenta afirmar seus próprios

desejos, mas também é o lugar onde se corre o risco de se tornar submisso às forças disciplinares. Como destaca o psicanalista Renato Mezan:

Sujeito pode ser empregado como *sujeito a*, enfatizando os aspectos da dependência, passividade ou até constrangimento: estar sujeito às intempéries, às leis, às ordens de outrem. Também se aplica à acepção oposta, que acentua os aspectos de liberdade, ação, iniciativa, como nas expressões "sujeito da oração" (aquele que é ou faz o que o verbo enuncia), "sujeito de direitos", "sujeito político". Assim, podemos dizer que o sujeito se encontra no cruzamento de várias linhas de força, algumas das quais ele determina, enquanto outras o determinam (MEZAN, 2003,259).

Na proposta do "Jornalismo Cidadão", a subjetividade pode até ser compreendida nesse "cruzamento de linhas de força" – já que ora somos experiência de nós mesmos, ora estamos submetidos às experiências que a vida nos coloca –, mas, no projeto, busca-se valorizar as narrativas que revelem o sujeito enquanto experiência de si, como alguém de ação, iniciativa e autonomia, com todos os conflitos e todas as contradições existentes. "Ter uma experiência' significa ser afetado por alguma coisa, pessoa ou situação, e 'ser afetado' se traduz por alguma vivência perceptível para quem a atravessa" (MEZAN, 2003, 258).

Retirar o sujeito da condição de objeto, convertendo-o em sujeito de si próprio é um dos grandes desafios da atualidade. A filósofa Adela Cortina, da Universidade de Valência, na Espanha, constata que hoje é muito comum confundirmos autonomia, isto é, essa "experiência de si" abordada por Mezan, com individualismo, com uma espécie de egoísmo narciso. "O neoliberalismo e o fenômeno da globalização reforçam o individualismo, fazendo crer que, quanto mais uma pessoa é individualista, mais autônoma ela é. Essa idéia é um horror" (CORTINA, 2002).¹

Ela defende a proposta de uma "autonomia solidária". Segundo Cortina, a principal característica dos seres humanos é a autonomia, que significa poder decidir por si mesmo sobre sua própria vida e seus modelos de felicidade. A filósofa argumenta que para uma pessoa chegar à autonomia, à liberdade, é preciso fazer-se com os outros. Esclarece ainda que, assim como a autonomia, confundida com individualismo, há também uma idéia

¹ Entrevista a Patricia Zanin Heitzmann em novembro de 2002 durante o Sexto Congresso Mundial de Bioética, em Brasília

equivocada sobre a solidariedade, tida como sinônimo de assistencialismo. "Ou vivemos solidariamente ou todos nós vamos sair perdendo" (CORTINA, 2002).

A professora acredita que a única maneira de convencer as pessoas de que o individualismo é prejudicial para todos e que, com ele não se chega à autonomia, é por meio da educação. Além disso, defende que as experiências de cooperação, cordialidade e solidariedade sejam realizadas desde a infância porque, se as pessoas já se acostumaram a viver individualmente, será difícil agir de acordo com a proposta de autonomia solidária.

Se a idéia de Adela Cortina for colocada em prática, pode-se dizer que a subjetividade estará sendo valorizada, na medida em que esse processo de reconhecimento da autonomia do sujeito – com solidariedade – pode ser respeitado e potencializado.

Sujeitos Infames

A série de reportagens produzida pela equipe do projeto "Jornalismo Cidadão" e veiculada na Rádio Universidade FM, começou justamente com o objetivo de valorizar as ações propositivas, afirmativas, de boas iniciativas individuais que intensificam os laços solidários e as redes afetivas. Uma forma de mostrar que, apesar das dificuldades e adversidades presentes em ambientes de pobreza e miserabilidade, sujeitos e comunidades encontram possibilidades de vida que, muitas vezes, são desprezadas pela mídia.

A equipe formada por Patricia Zanin Heitzmann (jornalista da emissora); Flávia Lúcia Bazan Bepalhok (professora da Universidade Estadual de Londrina), pela estudante de jornalismo da UEL Roberta Costa Alves Nunes e pelos jornalistas Fábio Augusto Mansano e Guilherme Borges, foi influenciada diretamente pela série de documentários "Caminhos e Parcerias", produzida pela jornalista Neide Duarte, da TV Cultura de São Paulo. Para ela, o projeto valoriza pessoas que,

(...) no meio da amargura, da dor e da violência conseguem ver uma saída pela solidariedade, pelas pequenas iniciativas, pelas parcerias. Pessoas e organizações que não ficam esperando pelas grandes soluções do sistema. Elas agem inventando as oportunidades (DUARTE, 2003, apud HEITZMANN e BESPALHOK, 2003).

O projeto da Universidade FM caminhou no sentido de potencializar histórias e iniciativas individuais, mas que não deixam de afetar grupos e comunidades onde esses sujeitos estão inseridos.

Maria Rita Kehl entende que há um movimento cada vez maior principalmente na literatura pela descoberta e revelação de vidas de pessoas praticamente desconhecidas. E o rádio educativo, acrescentamos, pode seguir essa tendência:

Não é sem razão que a literatura moderna já não trata dos grandes feitos lendários dos reis e dos santos, não narra os atos dos heróis e dos semideuses que foram os nossos antepassados míticos: a literatura moderna é o espaço simbólico em que se inscreve a vida comum dos homens comuns, em seus pequenos desajustes, sua inadaptação aos discursos do poder disciplinar. A literatura moderna trata de vidas infames, que merecem ser narradas em seus pequenos embates com o poder (KEHL, 2002, 134).

Vidas infames que merecem ser narradas, como defende Maria Rita Kehl, é uma idéia de Michel Foucault. O filósofo vasculhou documentos que datam de 1660 a 1760 nos arquivos da polícia e do poder judiciário para revelar histórias singulares que ele chama de “existências luminosas”. São relatos de vida em que a beleza se mistura com o assombro. “Meu sonho era restituir-lhes a intensidade mediante uma análise”, alegou Foucault (FOUCAULT, 1992, 92), ao se referir às vidas infames, entendidas aqui como vidas de pessoas sem fama, anônimas.

Todas aquelas coisas que constituem o ordinário, o pormenor insignificante, a obscuridade, os dias sem glória, a vida comum, podem e devem ser ditas, – mais, escritas. (...) Que na ordem quotidiana pudesse haver qualquer coisa como um segredo a desvendar, que a insignificância pudesse ser, de certa maneira, importante... (FOUCAULT, 1992, 117).

Mais uma vez, Kehl dialoga com Foucault reconhecendo a importância da experiência de si e da escrita de si que podemos fazer com nossa própria vida:

Se, para Foucault, o autor é "uma das especificidades possíveis da função do sujeito", o sujeito comum, ao se colocar como autor do romance (de sua vida), no qual também se situa como personagem, é aquele que se esforça por articular sua experiência do mundo com sua vida íntima, de modo a dotar de algum sentido a mesquinhez de seu cotidiano. Mas a "função autoral" do sujeito também consiste em tentar projetar para além da vida privada algo que o represente, na forma de uma "transgressão ao próprio código da língua" (KEHL, 2002, 135).

É possível portanto afirmar, ou pelo menos vislumbrar nos pequenos desajustes, nos embates cotidianos, nos esforços mesmo que frágeis e débeis de fugir às forças disciplinares, um lampejo "autoral", segundo o termo de Maria Rita Kehl. Esse empenho

em assumir a própria escrita da existência nas linhas tortas da vida e do destino, transfigura essas pessoas comuns em sujeitos únicos. Os conflitos entre as forças que transformam os sujeitos em objetos e as forças da ordem das paixões e dos desejos convertem essa existência aparentemente comum em uma experiência de vida singular, que possui um brilho único que deve ser irradiado, contemplado, e, mais ainda, admirado.

Sujeitos únicos

Sujeitos únicos sempre atravessam nossa existência e afetam nossas vidas. O rádio como "contador de histórias" tem um papel importante em repercutir essas experiências, esses encontros. São muitos os exemplos. Impossível sair ileso de um contato como o revelado nas cartas tristes de dona Marilsa à filha. Impossível também não questionar o nosso próprio entendimento de loucura ou razão, sanidade ou insanidade no momento em que nos deparamos com a artista popular Efigênia Ramos Rolim, de Curitiba (PR). Efigênia diz que a chamam de louca porque veste lixo. Mas prefere ser chamada de madrinha. E tem se dedicado à tarefa de "amadrinhar" papéis de bala, bombom, sacos de supermercado e outros objetos que descartamos.

Com meu chapéu na cabeça é muito pouco, espero que o mundo reconheça quais são os loucos. Eu fiz a minha roupa com muito capricho, me chamam de louca porque visto lixo. E as crianças que me chamam de bruxinha, ó pobres sem defesa que defendem a natureza, então. Me chama de madrinha. É um resumo da minha vida. Me chama de madrinha em vez de louca.²

Madrinha Efigênia vai completar 73 anos em 2004. Recicla sua idade todo 21 de setembro, dia da árvore. Efigênia sabe respeitar seu próprio tempo. E o tempo da natureza. Religiosa, gosta de citar o Eclesiastes: "Há o tempo de florir, tempo de morrer. Tempo de sorrir, tempo de chorar". Efigênia vive seu tempo da transformação. Seu próprio tempo de mutação que é sobretudo, um tempo de reinvenção de sua própria existência. "O dia que eu terminar de reciclar meu corpo eu tô prontinha pra partir".

² Entrevista a Patrícia Zanin Heitzmann em janeiro de 2003 durante o Terceiro Fórum Social Mundial realizado em Porto Alegre (RS)

Como garantir que a beleza e a expressão da fala de Efigênia carreguem toda a inquietação que ela suscita? Não é possível aprisionar essa narrativa num tempo escasso como o exigido nos veículos de comunicação comerciais. A vida-narrativa de Efigênia, com certeza, merece mais. E, nesse sentido, é um privilégio poder inserir essas e outras falas numa emissora educativa e pública, como é o caso da Rádio Universidade FM.

As rádios educativas³, embora sejam minoria no País, têm um papel diferenciado a cumprir, que deve passar, necessariamente, por experimentar outras formas não só de contar histórias e de se fazer jornalismo, mas também por uma programação musical diferenciada que não reproduza os modelos vigentes.

Um rádio educativo que pretenda aproximar-se de fato do universo simbólico e cultural onde está inserido, necessita – como já alertou Paulo Freire a respeito do papel das práticas educativas – saber escutar e ter disponibilidade para o diálogo. Na teoria, a proposta do educador não suscita grandes dúvidas. Na prática educativa, porém, ela é tarefa complexa a ser viabilizada. Implica em um constante escutar-se; envolve um mergulho em si para mesmo para "nadar" sincronizado com o outro. Freire defendia: é escutando que aprendemos a falar. Ele propôs uma escuta paciente, e simultaneamente crítica:

Escutar, no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro. Isto não quer dizer, evidentemente, que escutar exija de quem realmente escuta sua redução ao outro que fala. Isto não seria escuta, mas auto-anulação. A verdadeira escuta não diminui em mim, em nada, a capacidade de exercer o direito de discordar, de me opor, de me posicionar. Pelo contrário, é escutando bem que me preparo para melhor me colocar ou melhor me situar do ponto de vista das idéias (FREIRE, 1996, 135).

Freire também chama nossa atenção para a disponibilidade de diálogo. "O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento da História" (FREIRE, 1996, 154).

Estamos disponíveis para o diálogo que envolva narrativas únicas, de vozes singulares. Estamos em busca da escuta de pessoas comuns que se tornam especiais ao

³ Segundo levantamento divulgado em junho de 2003 pelo Ministério das Comunicações a pedido da Universidade FM, são 328 rádios educativas num universo superior a 5,2 mil emissoras.

rejeitem as sujeições impostas pelos poderes instituídos que transformam os indivíduos em objetos. Em busca de biografias e histórias ímpares:

O singular é aquilo que é único, pessoal, intransferível, o que faz de mim um sujeito e do meu vizinho um outro, porque nem ele nem eu podemos dividir, sob esse aspecto, o que quer que seja. É o território da biografia, das escolhas, das paixões, dos atos individuais; cada ato soma-se aos anteriores e com eles se amalgama, de modo a constituir cada pessoa como *aquela que é* e não outra. Já o universal é aquilo que compartilhamos com todos os demais humanos: a linguagem, a capacidade de inventar, as necessidades básicas, o fato de sermos mortais e sexuados, de podermos amar e odiar, etc. (MEZAN, 2003,260).

O projeto "Jornalismo Cidadão" procura estabelecer um diálogo entre o singular e o universal, construir uma narrativa que envolva tanto as tramas tecidas pelo sujeito quanto àquelas que o envolvem independente da sua vontade. É neste sentido que apreendemos a proposta de "autonomia solidária" elaborada pela filósofa Adela Cortina e também o entendimento de Freire de escuta, ou seja, a disponibilidade permanente para a fala do outro, para a diferença do outro. Estar aberto à fala do outro é uma maneira de reconhecer a diferença, a singularidade daquele que entrevistamos. E neste processo nos educamos, aprendemos um pouco mais da difícil arte de viver uma vida digna de ser vivida escutando as narrativas, os silêncios, os risos, as invenções daqueles que ousam assumir a autoria de suas próprias histórias de vida.

Narrativas admiráveis

Nas histórias de vida – captadas pela equipe de jornalistas que compõe o projeto – descobrimos, não apenas narrativas singulares, mas algo mais. De certa maneira essas narrativas provocaram um sentimento comum aos integrantes do projeto: elas nos causam admiração. As narrativas admiráveis como a de Efigênia, Marilsa e de outras 20 pessoas que generosamente se dispuseram a contar as suas histórias, tocam, sensibilizam os entrevistadores. A estima e o respeito atingem proporções inesperadas, surpreendentes e assim, quando nos damos conta da entrevista, já estamos nos territórios da admiração.

Admirar – do latim *mirare* – significa contemplar, olhar. *Mirus*, uma derivação, é algo estranho, maravilhoso. Admiração é um sentimento da ordem do deleite, da

contemplação, da veneração. Também envolve ficar dominado por um sentimento de assombro; estranheza diante de algo que se desconhece ou que não se esperava. Surpreender-se. Todas essas sensações nos mobilizam, nos impulsionam a buscar outras formas de contar, no rádio, as histórias dessa gente singular.

Como afirma o filósofo Peter Sloterdijk ao comentar o texto de Emile Cioran intitulado *Exercícios de admiração*, não só admiramos as obras, mas, sobretudo, o talento de quem as produz (cf. SLOTERDIJK, 2002, 117). Esse exercício colabora para o reconhecimento e a afirmação das diferenças, sem buscar que o outro se iguale a nós mesmos. Em outras palavras, essa procura de novas formas de contar no rádio as histórias de vidas de pessoas comuns, porém admiráveis, é um esforço para evitar a sujeição e a redução da fala do outro a nossos modelos e estruturas narrativas.

Para expressar, ou melhor, para permitir que o ouvinte testemunhe a admiração, o assombro, a surpresa do encontro entre o entrevistado e o repórter experimentamos uma estratégia narrativa aparentemente contrária ao exercício de admiração. Optamos por retirar o repórter da cena no momento da edição das reportagens. As suas falas, interrupções, perguntas e opiniões desaparecem, mas isso não significa uma auto-anulação. Na realidade o que se pretende é destacar as experiências vividas pelo entrevistado, pelo contador de histórias. Por isso as reportagens são conduzidas pelo próprio narrador. Ele mesmo se apresenta e representa a sua história. É a sua voz, são as suas pausas, risos e vícios de linguagem que criam um clima único para cada reportagem. A admiração se traduz nesse caso, no respeito e na vontade de permitir a expressão do outro e de suas diferenças de uma forma mais livre possível, sem a perda de um fio de coerência – elaborado no trabalho de edição – que perpassa a narração conduzindo o ouvinte pelos labirintos da alma do outro.

Ausência presente

A retirada do repórter na condução da narrativa não significa empobrecimento de seu papel. Ele continua tendo uma função fundamental no processo de produção da entrevista: lá está para querer saber, para provocar, para perguntar. Na hora da edição, ele se transforma em um produtor, uma espécie de montador/diretor de cenas que serão

irradiadas. Selecciona as falas que considera mais significativas e busca uma forma de conectar, de ligar as idéias do entrevistado de modo a alinhar uma espécie de "unidade" nos fragmentos. Entrevistas longas, de uma hora, uma hora e meia, se transformam em trabalhos que duram, em média, entre 10 e 15 minutos. Um espaço em que é possível deixar, em primeiro plano, a fala do entrevistado.

Ao fazer um breve retrospecto do projeto reconhecemos que essa forma de narrar as histórias do "Jornalismo Cidadão" tem influência de outro programa da TV Cultura, de São Paulo: as entrevistas dos programas "Ensaio" e "MPB Especial", produzidos por Fernando Faro. Nos programas, de música, ele mostra cantores e compositores que contam sua trajetória, suas memórias, suas canções preferidas.

Os convidados vão narrando suas histórias, suas lembranças. Não se ouvem as perguntas de Faro aos entrevistados. Mas sabemos que elas foram feitas, provocadas. A TV revela, em imagens, o movimento do pensar; o silêncio que se segue entre um questionamento e outro. O riso no rosto, a face de dúvida. Não é possível visualizar as imagens mentais que, com certeza, se antecipam à palavra falada, mas a impressão é de que essas imagens estão lá, recuperadas na memória de cada um dos entrevistados e que serão compartilhadas por meio de suas lembranças. Esses depoimentos são, na realidade, a transmissão de ricas experiências de vida, uma espécie de relato da "vida verdadeira", já que como afirma o escritor colombiano Gabriel García Márquez em sua auto-biografia intitulada *Viver para contar*: "A vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente recorda, e como recorda para contá-la" (MÁRQUEZ, 2003).

As recordações dos entrevistados, as narrativas faladas, são uma espécie de ponto de partida dos programas de Faro na TV Cultura. Transformar em CDs a série de entrevistas e músicas, como foi feito com a coleção "A música brasileira por seus autores e intérpretes", uma iniciativa do Sesc de São Paulo, pode permitir um exercício ímpar de imaginação e aguçamento do sentido da escuta. É esse aguçamento que buscamos com o projeto "Jornalismo Cidadão".

O caráter auditivo do rádio tem as suas peculiaridades e necessidades características. A ausência de imagens obriga, como diz Mario Kaplun, que o ouvinte assuma "una voluntaria ceguera" (KAPLUN, 1978, 48). A unisensorialidade, isto é, a dependência de um

único de nossos sentidos, apesar de permitir a criação de imagens mentais e estimular a imaginação, implica em uma série de desafios para o rádio, pois como sabemos, vivemos uma época que privilegia largamente as imagens como produtoras de realidade.

Mas, por outro lado, a voz tem seus mistérios, a sua própria magia, e por isso, não raras vezes, nos apaixonamos pelas vozes que ouvimos no rádio. Toda voz é uma voz única. Para Roland Barthes, citado por Mônica Rebecca Ferrari Nunes, "toda a relação com uma voz é forçosamente amorosa" (1982 apud NUNES, 1993, 25).

A voz humana é, com efeito, o lugar privilegiado da diferença: um lugar que escapa a toda ciência, pois não há nenhuma ciência que esgote a voz: classifiquem, comentem historicamente, sociologicamente, esteticamente, tecnicamente a música, haverá sempre um resto, um suplemento, um lapsus, um não dito que se designa ele próprio: a voz. Este objeto sempre "diferente" é colocado pela psicanálise na prateleira dos objetos do desejo enquanto faltam, a saber, objetos: não há nenhuma voz humana no mundo que não seja objeto de desejo – ou de repulsa: não há voz neutra – e se por vezes esse neutro, esse branco da voz acontece, é para nós um grande terror, como se descobríssemos com horror um mundo petrificado, onde o desejo estaria morto (BARTHES apud NUNES, 1993, 24-5).

A percepção dos ouvintes

Para alguns ouvintes, entrevistados especialmente para a produção desse artigo, o "sumiço" do repórter no momento da edição não significa de todo uma ausência. Para alguns, trata-se de uma "ausência presente", como descreve a professora do curso de Artes da Universidade Estadual de Londrina, Marta Dantas:

A "ausência" do repórter é um fator importante. Ainda que saibamos que o repórter é uma "ausência" presente, seu ocultamento é que dá a impressão de estarmos diante de um narrador, de um contador de histórias, cuja narrativa nos apreende pelas alterações do tom de voz, pelo entusiasmo, pelo vocabulário, pelas pausas. O jornalista deixa de ser uma espécie de inquisidor para ser o porta-voz de fantásticas narrativas (DANTAS, 2004).⁴

Na análise de Dantas, o projeto possibilita uma não passividade. "É uma nova forma de jornalismo onde nem o sujeito da reportagem nem o ouvinte são passivos! A informação não passa pelo rolo compressor da linguagem objetiva, altamente decodificada, o que a torna intrigante." (DANTAS, 2004).

⁴ DANTAS: Resposta ao questionário aplicado em março de 2004 pelo projeto "Jornalismo Cidadão"

Outra entrevistada especialmente para a pesquisa, a professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Estadual de Londrina, Loredana Límoli, analisa que:

O apagamento do repórter põe o ouvinte em contato mais direto com o entrevistado(...) Quando o repórter se distancia, o entrevistado ocupa o espaço de uma ausência e é obrigado a desenvolver estratégias de permanência. Assim, acaba revelando melhor sua subjetividade, e o ouvinte capta essa mudança em relação a tipos mais tradicionais de entrevista (LÍMOLI, 2004).⁵

Mas a professora vê um risco nesse tipo de narrativa. "Se o entrevistado mostra-se inseguro, a falta de entrevistador tende a piorar a clareza e a objetividade da narrativa" (LÍMOLI, 2004).

O jornalista Francisco Amaro, da assessoria de comunicação da Universidade Estadual de Londrina, que já foi professor da UEL de Radiojornalismo e de Jornalismo Impresso na instituição, entende que o projeto tem seu valor comprometido quase que totalmente por conta da forma como é apresentado:

A falta de um narrador (repórter ou locutor) nos programas, na minha opinião, compromete o seu valor de forma quase que irremediável. É preciso que alguém chame a atenção dos ouvintes para a importância do que vai ser informado pelo personagem em cada parte do programa. A isso se chama hierarquizar as informações. Comparando com um jornal, do jeito que os programas foram editados, é como escrever uma reportagem de duas páginas sem fazer nenhuma retranscrição, acreditando que um único título, uma única manchete, será capaz de pretender o leitor da primeira linha até o ponto final, 30 mil caracteres depois (AMARO, 2004).⁶

Na avaliação dele, "a forma compromete e enfraquece o conteúdo". "Provavelmente estamos diante de uma bela história, mas ela, a história, não se concretiza, não floresce" (AMARO, 2004). Ainda na avaliação do jornalista, "A narrativa vai andando cheia de surpresas. A pessoa muda de assunto sem que se saiba por quê. Falta quem amarre as informações".

Já a forma como a reportagem é apresentada, sem a presença do repórter na edição final apresentada aos ouvintes, é motivo de valorização para o professor do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina, Hermann Oberdiek. "A entrevistada era personagem principal. Aparece como protagonista dela mesma. É como se

⁵ LÍMOLI: Resposta ao questionário aplicado em abril de 2004 pelo projeto "Jornalismo Cidadão"

⁶ AMARO: Resposta ao questionário aplicado em maio de 2004 pelo projeto "Jornalismo Cidadão"

ela dirigisse a si mesma, pois não aparece o jornalista dirigindo através de perguntas" (OBERDIEK, 2004).

Para ele, o fato de o repórter não aparecer na edição final não atrapalha a escuta. Pelo contrário:

Ajuda e destaca a entrevistada porque, ao contrário, se a entrevistada é uma pessoa simples e até tímida, o destaque sempre seria o repórter. (...) nesse tipo de trabalho o grande mérito do repórter é o resultado final da edição, dando todo o clima e ajudando o personagem a ser melhor entendido e valorizado pelo ouvinte (OBERDIEK, 2004).⁷

Ele também vê outro ponto positivo na série de reportagens "Jornalismo Cidadão": o fato de o projeto buscar valorizar narrativas que envolvem boas iniciativas. "... o jornalismo nunca só deve ser transmitir notícias de coisas ruins (...) Esse tipo de reportagem é uma maneira de transmitir as coisas boas que acontecem e que também fazem parte do nosso cotidiano" (OBERDIEK, 2004).

Singularidade e Jornalismo

Este trabalho quis trazer um pouco da importância da valorização das vidas infames (no sentido de sem fama, de seres comuns), reveladas no processo de sujeitos que se compreendem como autores de suas vidas e obras. Sujeitos que se singularizam. É uma tarefa para a qual o jornalista precisa estar atento, principalmente por permitir outras formas de expressão, mais lentas, que respeitam o silêncio, o soluço, o riso e o tempo de pausa de sujeitos envolvidos no turbilhão desse mundo veloz – e cada vez mais dominado pela espetacularização e pasteurização. Ele deve assumir sua admiração por lembranças singulares de sujeitos que vivenciam a experiência de si. O rádio educativo é um instrumento importante para o contar dessas histórias e narrativas únicas.

⁷ OBERDIEK: Resposta ao questionário aplicado em maio de 2004 pelo projeto "Jornalismo Cidadão"

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HEITZMANN, Patricia Zanin e BESPALHOK, Flávia Lúcia Bazan. **Radiojornalismo e subjetividade: em busca de vozes singulares.** Artigo apresentado nos Temas Livres no XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação (Intercom), Belo Horizonte: MG, 2003.

KAPLUN, Mario. **Producción de programas de radio el guión - la realización.** Ediciones Ciespal: Quito, 1978.

KEHL, Maria Rita. **Sobre Ética e Psicanálise.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Viver para contar.** Rio de Janeiro: Record, 2003.

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação.** Florianópolis: Insular, Ed. da UFSC, 2001.

MEZAN, Renato. **Interfaces da psicanálise.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

NUNES, Mônica Rebecca Ferrari. **O mito no rádio: a voz e os signos da renovação periódica.** São Paulo: Annablume, 1993.

SLOTERDIJK, Peter. **Desprezo das massas: ensaio sobre lutas culturais na sociedade moderna.** São Paulo: Estação Liberdade, 2002.